

alicerce

da juventude socialista



Nº 26

De 29 de setembro a 6 de outubro de 1983

Cr\$ 100,00

A
UMES-SP
ao...

...lado
dos
trabalhadores



Preparar a
Greve
Geral!
Abaixo
o

20 45

É o seguinte:

Sobre o artigo "Um fato trágico, uma campanha sórdida" (a respeito da derrubada do avião sul-coreano que invadiu o espaço aéreo soviético), publicado no jornal N.º 24:

"... O artigo, além de mal redigido, é infantil e fantasioso, mais servindo a nossos inimigos, do que defendendo os interesses do proletariado... Na verdade, o "desprezo às vidas" e o "desrespeito aos trabalhadores", no caso específico da derrubada do avião, foram demonstrados pelos EUA, que imaginavam poder espionar, impunemente, um Estado Operário, servindo-se de aeronave civil... Qualquer militar de qualquer país, em qualquer regime, reagiria da mesma forma (que os soviéticos)... O que há de burocrático nisso? Então, para evitar a "formidável campanha de propaganda", os russos deveriam permitir a livre espionagem aérea por aviões civis, em seu território?... (Moysés Amaro Pereira, Porto Alegre).

"... Na nossa opinião, é clara a missão de espionagem sobre as bases soviéticas no Pacífico, executada pelo avião sul-coreano. Portanto, não tendo a tripulação do Jumbo obedecido às ordens dos caças soviéticos de segui-los e pouisar, não restava outra alternativa senão sua derrubada. Para nós, a defesa do Estado Operário, inclusive de seu espaço aéreo, é uma questão de princípio... Na nossa opinião, injustificável é o desprezo às vidas envolvidas, mostrado por REAGAN e seus seguidores japoneses e coreanos... O erro da burocracia da URSS foi não sair imediatamente reconhecendo a derrubada do avião e advertindo que derrubaríamos tantos aviões quantos fossem necessários, na defesa do Estado Operário. Não o fizeram porque não lhes interessa, como burocratas, enfrentar o imperialismo, porque defendem a coexistência pacífica com o imperialismo..." (Universitários de Porto Alegre)

"... Pelas próprias informações dadas pela imprensa burguesa, não resta dúvida de que o Boeing coreano realizava uma missão de espionagem... Derrubar esse avião na verdade é defender o Estado Operário da URSS... Burocrático foi não tomar a ofensiva e colocar a verdade desde o início. Ao não atacar o imperialismo, por temer gerar um conflito, a burocracia da URSS abre espaço para a ofensiva norte-americana..." (Renato, Mariane, Deyse, Paulo - Porto Alegre).

Os gaúchos estrilaram, e com certa razão, pois, efetivamente, o artigo parecia colocar num mesmo plano a crítica à atitude dos dirigentes soviéticos (inclusive com a frase "injustificável é o desprezo às vidas humanas", sem maiores explicações) e o repúdio ao ato de espionagem e à campanha de difamação promovida



pelos EUA. Assim, contribuía, involuntariamente, para a confusão lançada por essa campanha.

Entretanto, julgamos que constitui um erro burocrático, sim, a derrubada do avião, e mais ainda a procura de "desculpas" em lugar da clara afirmação do direito à defesa da URSS. Com isso, a URSS caiu na armadilha montada pelos EUA, atendo-se ao aspecto de revide militar, sem levar em conta que a defesa do estado operário é antes de mais nada uma luta política, a ser ganha junto aos trabalhadores do mundo. Como afirmava Trotsky em 1940, referindo-se à invasão da Finlândia: "É certo que a Rússia conseguiu algumas vantagens estratégicas, mas a que preço! Solapou-se o prestígio do Exército Vermelho, perdeu-se a confiança dos Trabalhadores e dos povos oprimidos do mundo todo. Em consequência, a situação internacional da URSS, em vez de fortalecer-se, ficou debilitada."

Em meio ao clamor desencadeado pela "campanha sórdida" — que prejudica muito mais a URSS do que possíveis informações militares obtidas pelos ianques — passou quase despercebida a gravíssima denúncia feita, há poucos dias, pelos soviéticos, e não desmentida pelos EUA: um satélite americano sobrevoou, por três vezes, a área, durante a perseguição ao avião sul-coreano. Isso significa que, pior ainda do que tentar espionar bases soviéticas com um Jumbo, o que os EUA fizeram foi testar o sistema de defesa anti-aérea da URSS, através do satélite e da escuta japonesa, usando como isca um avião de passageiros. Reagan e seus asseclas são culpados do assassinato premeditado desses civis, numa provocação monstruosa e num ataque direto à segurança do estado operário da URSS. Essa agressão repulsiva merece o mais veemente repúdio.

Belém:

Solidariedade aos enquadrados na LSN!

A campanha contra a LSN, pelo arquivamento dos processos dos 8 companheiros de Belém do Pará, pela anulação de todos os processos políticos e pelo fim das leis repressivas, continua obtendo o apoio de inúmeras personalidades, parlamentares, entidades sindicais e estudantis. Nesta semana, assinaram o abaixo-assinado endereçado ao ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel: a UNE, a UEE-RJ, vários centros acadêmicos e DCEs das universidades do Rio. A CUT-RJ e vários sindicatos, como o dos

Metroviários, Arquitetos, Químicos, Engenheiros e o Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói. No Rio Grande do Sul, a UEE-RS, Olívio Dutra — Presidente da executiva regional do PT, vários parlamentares do PMDB, a UMESPA e 6 grêmios secundaristas, o movimento feminino do PMDB e o Secretário Geral do PDT-RS. Assinaram ainda o abaixo assinado, Luis Carlos Prestes, Hércules Corrêa, Maurício Tragtenberg e Jacó Bittar (da coordenação Nacional da CUT).

Encontre e discuta com Alicerce nestes endereços:

Amazonas - Manaus - Av. Constantino Nery, 812 - Casa 5 - Centro

Pará - Belém - Rua Rui Barbosa, casa 4 - Vila ABC

Maranhão - Imperatriz - Rua Benedito Leite, 634 - Centro

Pernambuco

Oitinda - Vila Marluce, 44 - Terminal de São Benedito Recife I - Rua Álvares de Azevedo, 80 (trav. da Rua João de Barros) Recife II - Rua do Giriquiti, 20 - Apto. 101 - Ed. Argentum

Minas Gerais

Belo Horizonte/Barreiro - Rua Hoffman, 5-B (esq. com R. Olinto Meireles) Belo Horizonte/Centro - Rua Curitiba, 778 - sala 805 Contagem - Av. João César Oliveira, 3041-B - 2º andar São João Del Rey - Rua Mateus Salomé, 22 - sala 3 - Centro

Mato Grosso do Sul

Campo Grande - Rua Antonio Maria Coelho, 2301 - casa 5 - Centro

Distrito Federal - Brasília - Edifício Márcia, sala 809 - SCS

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/Centro - Av. Marechal Floriano, 167 - 2º andar Rio de Janeiro/Méier - Rua Joaquim Méier, 600 Rio de Janeiro/Tijuca - Rua Pereira Nunes, 129 - casa 1 Niterói - Rua XV de Novembro, 106 - sala 4 Volta Redonda - Rua 208, nº 207

Rio Grande do Sul

Porto Alegre - Rua Oswaldo Aranha, 934 - Bonfim Passo Fundo - Rua Independência, 640 São Leopoldo - Av. Bento Gonçalves, 1431 Santa Maria - R. Dna. Luiza, 570 - subsolo

São Paulo

Campinas - Rua Barão de Jaguará, 1385 - Centro Jundiaí - Rua Prudente de Moraes, 1503 - Centro Santos - Av. Afonso Pena, 418, sala 22 - Macuco São Carlos - Rua Episcopado, 1983 São José dos Campos - Av. Dr. Nelson D'Ávila, 1247 - salas 1 e 2 Ribeirão Preto - Rua Prudente de Moraes, 791 - Centro Araraquara - Rua São Paulo, 75 - fundos

Grande São Paulo

Guarulhos - Rua João Gonçalves, 468 - Centro Osasco - Rua Antonio Agu, 532 - 2º andar - sala 8 - Centro Santo André - Rua Santo André, 179 - Centro São Bernardo do Campo - Rua São Vicente de Paula, 15 - Centro São Caetano do Sul - Rua Pernambuco, 469 - Centro Diadema - R. N. Senhora das Vitórias, 200

São Paulo/Capital

Santana - Rua Voluntários da Pátria, 1617 Freguesia do Ó - Rua Marapinima, 41 Lapa - Rua 12 de Outubro, 325 - sala 9 Liberdade - Rua Santa Madalena, 22 Santo Amaro - Rua Cel. Luiz Barroso, 240 Cidade Ademar - Av. Cupecê, 3397 - sala 2 Ipiranga - R. Cisplatina, 849

Festas no dia 1º de outubro - sábado

Cidade Ademar
Av. Cupecê, 3397
sala 2



Campinas
R. Barão de
Jaguara, 1385
20 horas



Alicerce é uma publicação da ACS Editora Ltda. Rua Maestro Cardim, 1048, Liberdade, São Paulo - CEP 01323 - Fone: 289.1663. Diretor Responsável: A. Schreiner. Registrado no 5º Registro de Títulos e Docs. sob o nº 2330, livro A. Composição: Proposta Editorial, Ltda. Fone: 263.3115, São Paulo. Impresso nas oficinas da Cia Editora Jorúes.

Assine Alicerce

Nome _____
Rua _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____ Idade _____

Para receber ALICERCE todas as semanas, durante seis meses, faça um cheque nominal à ACS Editora Ltda. O valor é Cr\$ 2.400,00 (normal) ou Cr\$ 4.000,00 (solidária). Mande o cheque junto com o cupom acima para ACS Editora Ltda. R. Maestro Cardim, 1048. CEP 01323 - São Paulo-SP.



Trotsky	Minha Vida	Cr\$ 5.500,00
	História da Revolução Russa	Cr\$ 13.000,00
	Escritos (26 volumes)	Cr\$ 55.000,00
	Programa de Transição	Cr\$ 600,00
Marx/Engels	Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844	Cr\$ 3.500,00

"Olha, chefe, não vai dar, a situação está incontrolável." Esse foi o tom da patética comunicação do líder do PDS, Nelson Marchezan, a Delfim Neto, dando-lhe conta de que a votação do decreto de arrocho 2024 estava praticamente perdida. Para Delfim isso não significava pouco. Aprovar o 2024 significava para o governo um trunfo para tranquilizar o FMI às vésperas da assinatura do novo acordo e também para se garantir com o mínimo, caso a sorte não venha a sorrir ao vilão principal, precisamente o 2045. Mas não deu. A exceção de 3 petebistas, todos os deputados dos partidos de oposição compareceram e votaram contra, somando-se a eles os votos de 11 dissidentes do PDS. Nas galerias lotadas, generalizou-se a agitação da palavra de ordem "Fora daqui com o FMI". A queda do 2024 foi a maior derrota política parlamentar da ditadura desde 68.

A reação do imperialismo

A derrota do 2024 constituiu-se num saço de difícil digestão para o imperialismo. O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, disse que a liberação de créditos para a "salvação do Brasil" (sic) está condicionada à aprovação da política de contenção de salários. "Se isso não acontecer, tremo só em pensar no futuro do Brasil", ameaçou. A explosão de Regan teve o dom da clareza. O sr. Delfim Neto, com o cinismo que lhe é peculiar, sempre se esforçou em negar que a decretação do 2045 tivesse sido determinada pelo FMI como medida principal para a continuidade do pagamento da dívida externa. Agora, diante do golpe sofrido, Regan, diretamente, desmente o seu gordo capacho. Esse membro do governo norte americano, não só afirma a alto e bom som que esses decretos são exigências da matriz imperialista, como passa a substituir uma intervenção que sempre foi camuflada pelo véu da "soberania nacional", pela ingerência escancarada. Os acordos com o FMI tiveram esse único mérito de tornar clara a relação de subserviência absoluta da ditadura militar ao imperialismo. Subserviência que, para nós, trabalhadores, se traduz em arrocho, em desemprego, em carestia, em fome, tudo isso para pagar, às custas das nossas vidas, a dívida externa. Todos esses golpes, os mais violentos que os trabalhadores brasileiros já conheceram em toda a sua história são os responsáveis pelos mais de 400 saques a casas comerciais que tem varrido o país nos últimos 5 meses.

Por que caiu o 2024?

Foi sobre este pano de fundo que se deu a derrubada do 2024. Objetivamente, esse fato representou um choque do parlamento burguês com o FMI, progressivo para a classe trabalhadora.

Esse choque só foi possível pela profundidade da canibalesca crise do regime. O parlamento constituiu-se na última semana, no centro dessa crise. Ali, durante a votação do 2024, explodiram com toda a força as contradições que os acordos com o FMI e

O 2024 foi na lei... O arrocho, só na marra!



QUINO

o ascenso dos trabalhadores introduziram no reduto dos patrões. Por um lado, a votação expressou o descontentamento de uma parcela cada vez maior da burguesia com a sangria que o Fundo vem lhe impondo, superior à que ela está disposta a aceitar. O número cada vez maior de concordatas e falências só fazem aumentar o caudal da moratória entre os patrões. Por outro lado, o avanço das nossas lutas representa para eles um verdadeiro pesadelo. Eles sabem que a continuidade do arrocho no ritmo imposto pelo Fundo levará ao que chamam de explosão social, em tal proporção que irá abrir uma situação revolucionária no país.

Esse quadro aponta para o agravamento sem precedentes do isolamento do governo. O desfecho do caso do 2045 no Congresso, por exemplo, poderá representar um teste final do imperialismo com a atual equipe de governo. Se esta for incapaz de fazê-lo passar, isso poderá significar a retirada do seu apoio a Figueiredo, levando-o a optar por um governo de tipo consensual, como seria o de Aureliano Chaves, com maior autoridade perante os patrões para fazer passar os seus planos de arrocho.

Só a Greve Geral poderá barrar o arrocho

Essas divisões e choques entre os patrões têm significado preciso para nós, trabalhadores. Em

primeiro lugar representam espaços por onde o nosso movimento deve penetrar para aprofundar a divisão do inimigo de classe. Assim, a derrota do 2024 e um eventual choque entre o parlamento e o FMI representam para nós importantes vitórias, visto que esse quadro é assim porque nossa luta avançou organizativa e politicamente, sobretudo a partir da fundação da CUT e da marcação da Greve Geral contra o 2045 e o conjunto da política de arrocho do regime. Mas exatamente por isso, essas vitórias não devem servir para alimentar entre nós qualquer ilusão sobre o terreno em que se decidirá a luta. A derrota dessa política de arrocho não se dará pela via parlamentar mesmo que as divisões entre os patrões levem também à rejeição do 2045. Se isso ocorrer não será pelo fato dos patrões terem se tornado "bonzinhos", mas sim pela organização da nossa Greve Geral. E a derrocada do 2045 implicará seguramente na criação de outras formas de arrocho, de outros decretos de fome. O imperialismo exigirá isso, pois o que está em jogo é o pagamento da dívida externa. E os choques dos patrões e seus parlamentares com o FMI não irão ao ponto de desconhecê-la, de impor o seu não pagamento como exigem os trabalhadores e a CUT. Essa é uma tarefa que só a classe trabalhadora poderá cumprir. E nossa arma para cumpri-la será mais do que nunca, a realização da Greve Geral de 25 de outubro.

PMDB

Eleições diretas: mais uma promessa ou uma campanha real?

Com o dedo em riste, o rosto severo, a voz grave, Ulisses Guimarães, presidente do maior partido burguês de oposição, o PMDB, parecia que estava para anunciar a entrada do Brasil na 3ª Guerra Mundial. Na realidade, porém, estava apenas abrindo o programa do PMDB na sexta-feira dia 23.

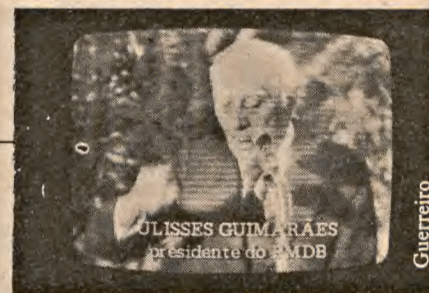
Esse programa, para chegar à sua versão final, teve que sofrer uma série de modificações, com a introdução de novos oradores, a ponto de surpreender os próprios dirigentes do partido que, na sexta-feira, assistiram à sua apresentação na casa de Ulisses. Os desacertos foram provocados pelas inúmeras manifestações contrárias à estrutura do programa original e indicam que a unidade do partido é mantida por Ulisses na base de muita negociação.

O que o PMDB queria com este programa? A idéia central era a de lançar, a nível nacional, sua campanha por eleições diretas e, por aí, apresentar a sua plataforma para enfrentar a crise, com a denúncia do autoritarismo do governo, de seus desmandos econômicos e dos acordos com o FMI. As eleições diretas representariam assim a única forma de poder-se enfrentar a crise. Para esse partido trata-se apenas de substituir o governo.

O PMDB apresenta esta proposta no momento em que a crise do regime chega a um ponto sem precedentes. Figueiredo está isolado. O PDS dividido. Amplo setor do empresariado contra os planos de recessão do FMI. Mas estes fatores, por si, talvez não

fossem suficientes para o PMDB lançar a campanha. É a entrada dos trabalhadores na arena política, desde o dia 21 de julho, a criação da CUT e a marcação da greve geral que deslocaram a balança do PMDB para as eleições diretas. A organização dos trabalhadores tem causado grandes dores de cabeça na burguesia, alarmada com a possibilidade de "convulsões sociais". Assim restou ao PMDB assumir a bandeira das eleições diretas de forma mais contundente, para tentar controlar a ação dos trabalhadores em torno desta reivindicação que é uma das principais da Greve Geral do dia 25/10.

O encaminhamento de uma campanha por eleições diretas por parte do PMDB é importante para os trabalhadores. Mas não podemos confiar nas promessas de mobilização do PMDB que só assume as bandeiras dos trabalhadores ou para enganá-los ou para pô-los a serviço da burguesia (vide a atuação dos governos de oposição nos Estados em que ganharam as eleições). Por isso devemos cobrar do PMDB que encaminhe sua campanha através de mobilizações e atos (já que desde as eleições não mobilizou uma palha), levando a exigência por eleições diretas às ruas. Até aqui só a CUT tem marcado uma grande luta que tem nas diretas uma de suas reivindicações. Chamamos o PMDB a se somar a esse processo, mobilizando também os trabalhadores. Só assim poderá ser construída a unidade de ação pela conquista dessa reivindicação.



Guerreiro

3

Canavieiros - PE

Vitoriosa a greve contra o 2045!

Em Pernambuco, 2.500 trabalhadores rurais encerraram no dia 27 uma greve vitoriosa. Esta não foi apenas a terceira grande paralisação dos canavieiros por suas reivindicações salariais nos últimos anos. Na verdade, ao levantarem como reivindicação central um reajuste salarial com 100% do INPC, os companheiros lutaram na prática contra o decreto 2.045. E essa luta resultou numa importante vitória, conquistando o reajuste de 100% sobre o INPC e uma série de outras reivindicações.

A conquista dos companheiros mostra que através da luta podemos barrar os decretos do arrocho. Não apenas os usineiros foram derrotados, mas também a ditadura, já que essa greve golpeou sua política econômica. Mas, exatamente porque a luta é contra o inimigo mais poderoso, a vitória dos companheiros é parcial. E a experiência da categoria nas últimas greves demonstra que as conquistas parciais arrancadas na luta são frequentemente pisoteadas pelos patrões. Um exemplo disso, está em que das trinta

reivindicações desta greve, nada menos que 24 eram conquistas das greves anteriores desrespeitadas pelos usineiros. Esses fatos demonstram que a categoria deverá consolidar essa vitória. O caminho para isso é se engajar na preparação da Greve Geral chamada pela CUT para 25/10. Parar ao lado de toda classe trabalhadora brasileira pela derrubada do 2.045 e da política de arrocho da ditadura, do FMI e dos patrões é a grande tarefa agora colocada para os trabalhadores rurais. Entretanto, o maior obstáculo que a categoria tem nesse sentido é a sua própria direção. A diretoria da FETAPE (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco) faz parte do bloco pelego que não reconhece a CUT e que se recusa a preparar a Greve Geral. Por isso, os companheiros deverão contar com o apoio decisivo da direção da CUT no Estado, sentindo na luta que hoje temos duas grandes armas para derrotar nossos inimigos: a nossa central nacional e a Greve Geral.



São Paulo, Rio e agora Manaus: A polícia "democrática" em ação

No dia 21/09, em Manaus, entidades estudantis, sindicais, com a participação do deputado João Pedro do PMDB, realizaram ato público contra a elevação das tarifas de ônibus, que passavam de 80 a 110 cruzeiros. Após o ato os manifestantes saíram em passeata, carregando um caixão do FMI, em direção ao Palácio Rio Negro para levar as reivindicações contra esse aumento. Acontece que essa passeata foi impedida de prosseguir devido à ação da polícia que fechou todas as vias de acesso, cercando, portanto, os manifestantes. Inconformados estes atearam fogo ao caixão de enterro do FMI e gritaram palavras de ordem contra a repressão. Os bombeiros entraram em ação apagando o fogo e a polícia começou a dispersar os manifestantes. A partir daí a cidade virou um campo de guerra, com vários grupos promovendo quebra-quebras, depredando principalmente os ônibus.

Segundo Gilberto Mestrinho, governador peemedebista do Amazonas, a culpa dos incidentes cabe aos agentes infiltrados do PC do B, que querem "promover a desordem, a serviço da direita, para desestabilizar o governo democrático e popular do Amazonas". Mestrinho assume, dessa forma, as mesmas explicações que os governadores do PDS davam antes das eleições, quando ocorriam mobilizações,

acusando às organizações de esquerda. Assume as mesmas explicações que deram Montoro e Brizola, recentemente, quando ocorreram explosões parecidas nos seus Estados.

Para eles não existe motivo para saques, quebra-quebras, manifestações; isto só ocorre devido aos "infiltrados" que querem a volta da linha dura. O custo de vida, o desemprego, o arrocho, a inflação, a fome crônica são problemas do governo federal e não deles. É assim que o "governo democrático" de Mestrinho cerca os manifestantes com a polícia, usando tática de guerra, numa verdadeira atitude provocativa; acusa membros do seu partido de "agentes do PC do B"; promete chamar o exército para manter a ordem; enquadrar os "extremistas" na LSN (onde está a luta do PMDB contra essa lei, conforme o prometido durante as campanhas eleitorais?). Assim Mestrinho demonstra mais uma vez, que os governos de "oposição" se opõem sim, mas aos trabalhadores. Quanto a nós, apoiamos incondicionalmente a continuidade da luta dos estudantes e dos trabalhadores amazonenses contra os aumentos dos ônibus, inclusive utilizando-se desta mobilização para organizar a greve geral do dia 25.

A Greve Geral

E no dia 30...

No dia 30 de setembro serão realizados atos em várias capitais do país, dentro do Dia Nacional de Manifestações contra o decreto 2045, programado pelos pelegos divisionistas que romperam com o CONCLAT. Em São Paulo, por exemplo, haverá um ato na Praça da Sé, e, no Rio de Janeiro, uma passeata que sairá da Candelária até a Cinelândia.

Como já afirmamos no número 24 do Alicerce, estas iniciativas dos pelegos buscam se contrapor à Greve Geral chamada pela CUT. A direção da CUT deveria ter chamado amplamente a adesão a estes atos para neles fazer um amplo chamado à Greve Geral, impactando a base dos pelegos. Mas a direção da CUT decidiu por uma participação limitada nestes atos, somente naqueles lugares onde eles estão sendo convocados pelas pelegos. Apenas as CUTs Regionais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul decidiram mobilizar para o dia 30, golpeando-o com o chamado à unidade para 25/10.

De qualquer maneira é hora de ir a luta. Onde estes atos existirem, estaremos lá aplicando a resolução da CUT e lutando para divulgar a Greve Geral.

Pró-CUT/SP:

Este é o Plano! Agora mãos à obra!

Em reunião ocorrida dia 22/9, a comissão sindical Pró-CUT de SP tirou deliberações para encaminhamento da Greve Geral do dia 25/10. As deliberações são:

I — Conclamar as entidades sindicais que se reivindicam da oposição a realizar a mais ampla unidade na preparação da Greve Geral de 25/10 para lutar contra as medidas do governo, principalmente contra o 2045. Realizar até no máximo o dia 2/10 reuniões municipais ou intermunicipais para estruturar essa luta;

II — Organizar comandos de Greve Geral em todos os níveis:

— comando estadual: será eleito em reunião dos comandos municipais e intermunicipais no dia 19/10, na capital;

— comandos municipais ou intermunicipais: compostos por dirigentes da CUT, da Pró-CUT/SP e da intersindical local e mais um representante de cada comando regional; serão eleitos em plenárias ou assembleias no dia 15/10;

— comandos regionais: compostos por 5 ou 15 membros de todos aqueles que, no âmbito dessa região, se comprometam com a Greve;

— comandos de base: são agrupamentos de trabalhadores, moradores, estudantes, donas de casa, etc., constituídos com o objetivo de organizar, propagandear, agitar e apoiar a Greve Geral em todos os níveis;

Nos sindicatos, associações, entidades estudantis e populares, devem ser organizadas plenárias, reuniões ou assembleias até 9/10 para organizar a Greve;

III — Atividades imediatas

1. Ampla convocação das reuniões com o movimento sindical e popular;

2. Ampla divulgação do jornal da CUT (à disposição na sede da CUT, fone 440.1177);

3. Pichações com os dizeres: GREVE GERAL DE 25/10; CONTRA O DECRETO-LEI 2045; CONTRA O ARROCHO E O DESEMPREGO CUT. Poderão ser acrescentadas outras

reivindicações do movimento ou da categoria;

4. Arrecadação para o fundo de greve;

5. Fixação massiva do adesivo da CUT.

Todos os trabalhadores e jovens combativos têm diante de si a tarefa de impulsionar a implementação deste Plano. No ABC, cabe ao CECLAT que se realizará nos dias 8 e 9/10 a tarefa central de organizar a fundo a Greve Geral, em base a este Plano, junto à vanguarda da classe trabalhadora do país.



precisa ser organizada!

Estamos a menos de um mês do dia 25 de outubro, data da Greve Geral marcada pela CUT contra o decreto 2045 e a política de arrocho e desemprego da ditadura.

A insatisfação e a revolta dos trabalhadores contra a inflação e a ameaça de desemprego é enorme, e se discute raivosamente contra o governo. O que mais se ouve nas fábricas são expressões como "isto vai explodir", "vai pegar fogo", etc...

No entanto, esta revolta ainda não está dirigida para a Greve Geral, porque esta não começou a ser organizada. Não existe ainda clima para a greve porque quase nenhum trabalho de agitação foi feito nas portas das fábricas ou nos bairros, através de piquetes ou panfletagens chamando à Greve Geral.

É necessário avançar rapidamente no caminho da organização dos comandos de base nas empresas e em todas as reuniões de ativistas como propôs a CUT de São Paulo. A Greve do dia 25 não pode ser passiva como foi a do dia 21 de julho. Ela tem que ser organizada para que parem também categorias cujos sindicatos são dirigidos por pelegos. É preciso que haja piquetes para ir parando todas as empresas no dia 25, e isto exige uma preparação imediata. As campanhas salariais das categorias que tem data-base em outubro/novembro também devem incorporar a data da greve geral.

O Congresso da UMES-São Paulo, que definiu sua adesão à Greve Geral, é um exemplo para todos os congressos estudantis — universitários e secundaristas. O apoio dos estudantes pode ser valioso não só para aumentar a greve, como no auxílio às tarefas da própria preparação do dia 25 de outubro. Todas as entidades estudantis devem se incorporar desde já às reuniões de articulação da greve.

É necessário que o PT assuma o programa da CUT!

No último dia 25, o PT paulista realizou sua Convenção Estadual para homologar o novo Diretório Regional. Essa Convenção ocorreu num momento bastante diferente daquele que marcou a Pré-Convenção anterior à realização do CONCLAT. Existe, hoje, um amplo espaço para a construção do PT como um partido de massas e de luta, na medida exata da radicalização dos trabalhadores e setores populares contra a ditadura e contra os governos estaduais de oposição. O desgaste desses governos é fulminante e, nessa medida, amplos setores do movimento de massas voltam-se para o PT, tomando-o como referência, principalmente após a fundação da CUT e a marcação, por ela, da Greve Geral. Por isso, é correta a decisão, tomada na parte inicial da Convenção, de fazer o partido militar a fundo na preparação da Greve. Entretanto, é aqui exatamente onde residem a maior contradição do partido.

O PT tem hoje um programa que, politicamente, está à direita do programa da CUT, de caráter claramente anti ditatorial e anti imperialista. Por exemplo, o programa do partido não exige o não pagamento da dívida externa. Essa contradição

Os pelegos que romperam com o Conclat e negam a CUT vão buscar se utilizar da derrubada do 2024 no Congresso e da possibilidade de retirada ou derrota do 2045 para dizer que a Greve Geral não é necessária. Mas na realidade, mesmo que o governo retire o 2045 ou que este seja derrotado no Congresso, a política de arrocho do governo continuará exatamente a mesma. Com a pressão do FMI, Figueiredo e Delfim podem lançar outro decreto (que só será votado em abril sendo aplicado até lá), ou ainda retirar o reajuste semestral, ou qualquer outra manobra. De uma forma ou de outra, decida o Congresso o que decidir, o arrocho vai prosseguir. Os pelegos vão buscar alimentar ilusões de muitos trabalhadores no parlamento, ilusões que terminarão com o holerit do mês seguinte.

Neste sentido nos pareceu equivocada a posição de Jair Meneguelli, da Executiva da CUT, que admitiu no ato da Convenção Estadual do PT que a Greve Geral poderia não sair se o decreto-lei 2045 fosse retirado ou derrotado, mas que se manteria no caso de até o dia 25 existir outro decreto de arrocho. Os decretos virão, antes ou depois do dia 25. Não temos, e acreditamos que Meneguelli também não tem, nenhuma dúvida de que a política de arrocho continuará, e por isto a CONCLAT votou Greve Geral contra a política econômica do governo do qual o 2045 é só uma expressão. Segundo o próprio Meneguelli durante a Conclat e até há uma semana atrás, deveríamos lançar a greve mesmo que o governo fizesse uma manobra, retirando o 2045. Esta deve ser a nossa política. E estender a nível nacional a proposta da CUT de São Paulo de organização de comandos de base para organizar já a greve geral. Temos pouco tempo, mas com o ânimo que existe podemos chegar lá.

desarma o PT para levar a fundo a tarefa de preparar uma Greve que tem como objetivo o fim da política econômica da ditadura, que hoje assume a forma principal do decreto 2045, mas que, longe de se limitar a isso, aponta contra a matriz dessa política: a continuidade da ditadura e dos seus acordos com o FMI. É assim que, na sua resolução sobre a Greve Geral, a secretaria sindical do PT, a partir de uma correta análise da situação nacional, aponta, de fato, para a preparação de uma Greve só contra o 2045, sem levar em conta o conjunto do programa aprovado pelo CONCLAT para a Greve Geral, ou seja, sem levar em conta que uma eventual derrubada do 2045 não significará o fim da política de arrocho. Essa é uma limitação política que pode desarmar o movimento caso este decreto seja rechaçado pelo Congresso. Este recuo deixaria a ditadura de mãos livres para substituí-lo por um novo decreto tão ou mais violento. A alternativa colocada para o PT é sim a preparação da Greve Geral, mas com o programa que lhe deu o CONCLAT. Cabe ao PT adotar o programa da CUT, armando-se para as grandes tarefas que o período aberto com o 21 de julho lhe colocou.

Nordeste:

A hipocrisia em forma de campanha



Zico, hoje jogando no time do Udine, mandou da Itália a camisa que usou em sua última apresentação pelo Flamengo para ser leiloadada. A Fundação Itaú contribuiu com cheque de 100 milhões de cruzeiros. Estes foram alguns fatos que marcaram (com exclusividade!!) a campanha da TV Globo "Nordestinos, o Brasil em busca de soluções", iniciada no domingo, dia 18. Neste mesmo dia através de shows dos Trapalhães, pedágios de artistas e contribuições por telefones, a Globo arrecadou 3,1 bilhões de cruzeiros. Este dinheiro seria destinado à compra de alimentos a serem enviados aos flagelados nordestinos.



Em poucos meses os brasileiros foram chamados a prestar à sua solidariedade e fazer contribuições para ajudar aqueles que sofriam com as enchentes no Sul ou com a seca no Nordeste. Tais campanhas demonstraram que os trabalhadores são solidários quando estão em grandes dificuldades. Mas também serviram para mascarar os abusos que o capitalismo cria para se manter. No Nordeste, por exemplo a fome, desnutrição, alta mortalidade infantil, doenças, desespero, milhares de saques não se devem somente às causas naturais, como a Globo e o governo querem dar a entender.

Desde o descobrimento do Brasil, a partir da sua ocupação econômica, o Nordeste foi alvo de uma hiper-exploração do capitalismo. Numa primeira fase, esta exploração era basicamente a do trabalho escravo. Depois da abolição, os trabalhadores dos grandes canaviais, em troca de sua produção, podiam fazer uma cultura de subsistência na terra do senhor. Com a organização capitalista das grandes fazendas, estes trabalhadores passaram a receber um soldo por tarefa. Os pequenos agricultores foram expulsos das terras férteis, indo para o sertão praticar a pequena pecuária e a agricultura de subsistência. Com a industrialização do sul, os nordestinos foram transformados num exército de mão de obra barata para a indústria. As famosas emigrações para o sul foram estimuladas pelos governos (federais e estaduais) para atender à demanda de mão de obra das grandes indústrias.

Este foi um dos principais motivos, junto à manutenção da estrutura latifundiária, pelos quais o capitalismo sufocou a região num curral de barbárie e superexploração permanentemente atrasado.

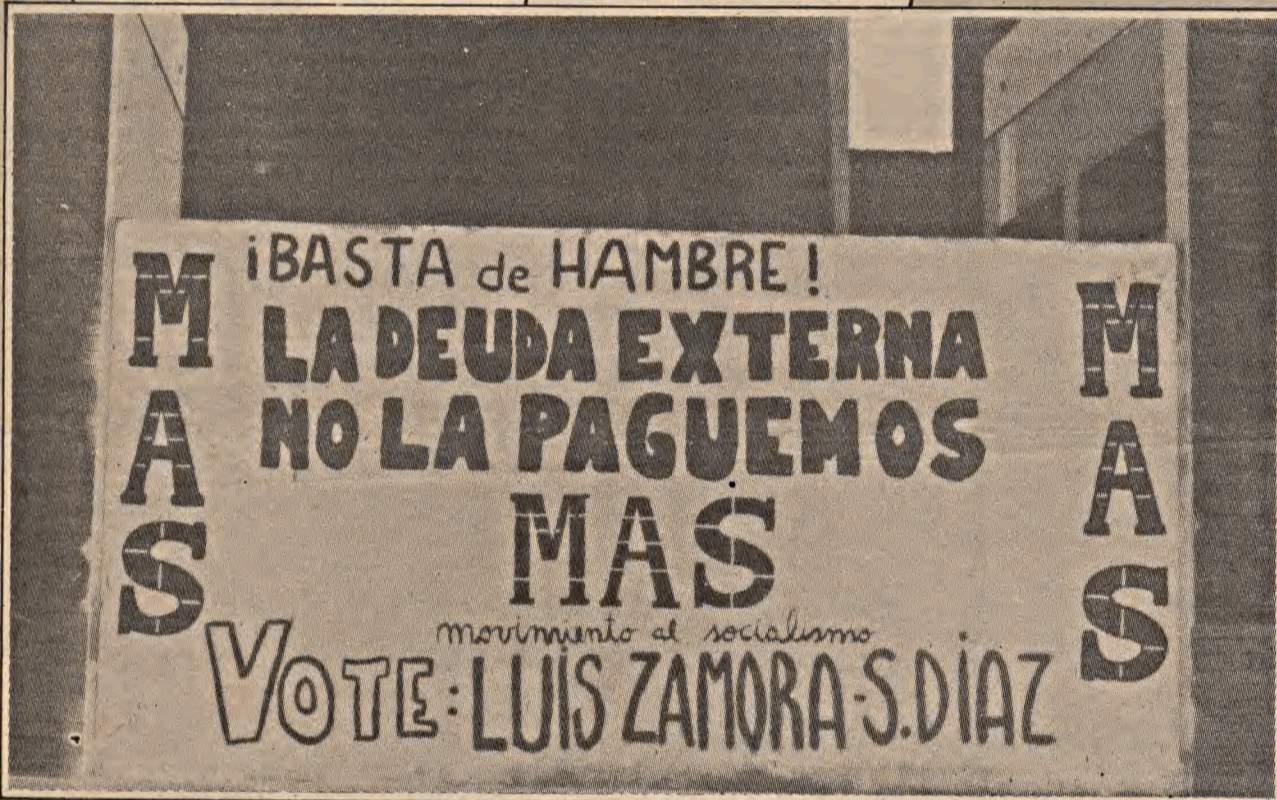
O fenômeno físico da seca foi estudado e conhecido desde o século passado. Assim, em 100 anos ocorrem normalmente de 18 a 19 períodos de estiagem longos, de 5 a 7 anos. Neste século, por exemplo, ocorreram 16 secas, sendo previsível ainda mais duas até o ano 2.000. Foi com

base neste estudo que o CTA (Centro Técnico Aeroespacial), de São José dos Campos, anunciou em 77 que a partir de 1979 haveria um período de sete anos de poucas chuvas, com o pico da seca em 1983 ("Jornal da Tarde" 5/9). Portanto Figueiredo, como Geisel, ao assumir já sabia o que iria acontecer e nada fez a não ser dar dinheiro para reparos de emergência como todos os governos anteriores fizeram. A campanha da Globo é tão hipócrita quanto a propaganda do governo. Esta, para esconder que permitiu que milhares morressem de fome, diz que o governo criou frentes de trabalho para os flagelados. Quanto ganham? 15 mil cruzeiros por mês. Onde trabalham? Nas grandes fazendas que estão em dificuldade com a seca. Assim estas frentes de trabalho foram criadas para subsidiar a mão de obra para os grandes fazendeiros em dificuldades. Exploração sobre exploração.

Quais as soluções então? Os israelitas utilizando da técnica de irrigação a base de poços artesianos, fizeram do seu trecho do deserto do Saara uma das regiões de maior produção agrícola do Oriente Médio. Grandes fazendeiros do polígono da seca, ao saberem do estudo do CTA em 78, armaram-se de técnicas similares e obtiveram enormes colheitas, apesar de estarem a cinco anos sem receber grandes chuvas, como todos os demais no sertão.

A principal resolução a ser tomada é a reforma agrária já. Vejamos os dados. No Nordeste 65,3% das propriedades agrícolas possuem extensão de até 20 hectares, correspondendo a 5% da terra disponível, enquanto isso 49,6% da terra fértil disponível pertence a 0,9% de propriedades agrícolas. Isto significa que a maioria das melhores terras do Nordeste estão nas mãos de uma minoria absoluta. **Se estas grandes propriedades fossem divididas em pequenas propriedades poderíamos dar terra a 50 milhões de trabalhadores em condições de produzir!**

Argentina: Uma alternativa socialista!



Ao protesto realizado em Buenos Aires no último dia 22, numa marcha de 24 horas, encabeçada pelas *Madres de Plaza de Mayo* e engrossada por 15 mil manifestantes, os militares argentinos responderam promulgando, no dia seguinte, a lei que não se envergonham de chamar de "pacificação nacional".

Essa "anistia" exclui os exilados, exclui os que mantêm as idéias políticas rotuladas de "subversivas", e de nada vale aos dez mil mortos e "desaparecidos". Mas beneficia os "autores, participantes, instigadores, cúmplices ou encobridores" dos atos de repressão, abrangendo os "delitos comuns conexos e delitos militares conexos". Ou seja: garante a impunidade dos assassinos e torturadores.

É o último ato dos generais, que tentam lavar as mãos sujas de sangue antes de voltar aos quartéis, transferindo o poder aos partidos burgueses agrupados na Multipartidária.

Uma revolução democrática

Um processo revolucionário se desencadeou na Argentina a partir da guerra das Malvinas.

Com esse ato militar, a ditadura pretendia recuperar pelo menos um certo apoio da população. O tiro saiu pela culatra. As massas apoiaram a ocupação das Malvinas, apesar da ditadura. Apoiaram a reivindicação justa e a luta anti-imperialista, e para isso saíram às ruas em manifestações de até cem mil pessoas; e, com a desastrosa condução da guerra e a humilhante capitulação, voltaram-se diretamente contra o regime militar.

Esse fracasso fez explodir as contradições internas que já minavam as Forças Armadas. Seguiu-se a renúncia do presidente Galtieri e a dissolução da Junta Militar. O Exército sozinho nomeou o sucessor Bignone, e este, antes de se animar a entrar na Casa Rosada (o palácio presidencial), foi pedir o consentimento da Multipartidária. A posterior recomposição da Junta é apenas uma fachada que não consegue ocultar o interior esfacelado.

Assistimos, assim, a uma transferência do poder político, dos quartéis para os partidos burgueses, numa verdadeira revolução democrática, que se reflete no pleno exercício das liberdades públicas — com uma amplitude que a Argentina não conhecia desde 1930 — e na convocação de eleições gerais. **Revolução democrática**, embora incruenta e semi-consciente, porque não foi uma concessão dos militares, um projeto de "abertura" desejado por eles. Foi arrancada pelas massas, com manifestações de rua e greves que paralisaram todo o país.

Muitos partidos, só dois programas

Os dois grandes partidos burgueses, o Justicialista (peronista) e o Radical, preparam-se para administrar a herança recebida. O candidato radical à Presidência, Alfonsín, conta com o apoio dos empresários e... dos militares! Por sua vez, o candidato Ítalo Luder foi escolhido justamente por não pertencer a nenhuma das correntes em que se divide o peronismo, representando assim a esperança de um novo "árbitro" para a conciliação entre as facções burguesas. Luder já declarou que quer a colaboração dos radicais em seu futuro governo, e Alfonsín retribuiu a gentileza. Não há diferenças substanciais entre eles.

Os políticos que agora falam de direitos humanos, deixam de lado que foi Luder (que já exerceu interinamente a Presidência, em 1975) quem assinou os decretos que davam sinal verde ao Exército para reprimir a guerrilha por todos os meios. Os líderes sindicais que há poucos dias agrediram fisicamente as *Madres*, agora correm a abraçá-las, tecendo críticas à lei de "anistia". Mas peronistas e radicais conclamam a uma ampla "unidade nacional". Que unidade pode haver entre vítimas e carrascos?

E, como todos os políticos burgueses às vésperas de eleições, radicais e peronistas enchem a boca de promessas. Só não dizem como vão cumpri-las e, ao mesmo tempo, pagar a dívida externa que asfixia a Argentina.

Muitos trabalhadores esperam que o Justicialismo traga de volta o bom nível de vida dos tempos de Perón. Mas 1983 não é 1946. Na Argentina de hoje, mergulhada na crise, o peronismo só poderá repetir o governo de Isabelita em 1975: superexploração, feroz repressão às greves, miséria.

Nenhum governo vai poder atender às reivindicações dos trabalhadores, sem romper com a estrutura de país semicolonial atado ao imperialismo. Como no Brasil, o preço que o FMI e os banqueiros internacionais cobram por sua "ajuda" é o arrocho salarial, o desemprego e a renúncia à soberania.

E os outros partidos? Não apresentam alternativas? Para responder a isso, basta dizer que o Partido Comunista retirou sua candidatura (operária) à Presidência, chamando diretamente o voto ao peronismo. O mesmo fizeram, com algumas variações, os demais grupos e organizações que se dizem de esquerda. Nenhum deles respondeu ao chamado do **MAS** por uma Frente Socialista para as eleições de 30 de outubro próximo.

O **MAS — Movimiento Al Socialismo** foi o único partido que se definiu claramente pelo não-pagamento da dívida externa e pela aliança aos demais países devedores da América Latina (Brasil, Chile, Bolívia, México) e do mundo todo, para enfrentar o imperialismo.

O programa pela "segunda independência" da Argentina, levantado pelo **MAS**, não pode ser cumprido por nenhum governo burguês. O que o **MAS** promete, é levar adiante a luta por um governo dos trabalhadores e do povo, fiel ao lema sob o qual foi fundado: **Por uma Argentina socialista, sem generais nem capitalistas!**

O **MAS** tem um ano de vida, mas sua luta não é de hoje. O advogado **Luis Zamora**, o mais jovem candidato à Presidência (34 anos), destacou-se na defesa de presos políticos e no combate pelos direitos humanos, quando os políticos peronistas e radicais apoiavam ou se omitiam diante da sangrenta repressão da ditadura.

Silvia Díaz, candidata a vice-presidente, já amargou as prisões da ditadura, primeiro como líder estudantil, depois como dirigente socialista. Ela representa bem o imenso esforço de organização e legalização do **MAS**, que hoje se traduz em suas mais de 400 sedes e em seu jornal, que deverá chegar aos 100 mil exemplares semanais até o fim da campanha.

Nas sedes do **MAS**, democracia não só se discute, mas se pratica. Ao contrário das reuniões de cúpula dos partidos burgueses e dos aparatos stalinistas, foram assembléias de bairros, fábricas, sindicatos que escolheram os candidatos do **MAS**. Os trabalhadores, estudantes, donas-de-casa escolheram, para representá-los, as pessoas que conhecem, que provaram nas lutas sua capacidade e suas idéias. Nessas reuniões, manifestaram-se inclusive pessoas não filiadas ao **MAS**, peronistas ou comunistas, impressionados com o contraste entre esse método democrático e

os conchavos dos velhos partidos com seus velhos políticos.

Luis Zamora comenta: "Na maior parte das reuniões, começou-se a elaborar o programa de reivindicações locais. E se concordou que a única forma de obter o dinheiro para essas realizações seria suspender o pagamento da dívida externa que estrangula toda a Nação. Por isso podemos dizer que, junto com a lição de democracia operária, as assembléias do **MAS** foram uma jornada de luta anti-imperialista, contra o pagamento dessa fraudulenta dívida externa."

O **MAS** defende o não-pagamento da dívida, porque não é possível combater o imperialismo inglês e pagar à Inglaterra para que construa novas bases militares nas Malvinas. Não é possível combater o imperialismo ianque e assinar acordos que prevêm até o confisco de empresas estatais argentinas pelos credores. Não é possível combater os generais sanguinários e pagar aos que lhes forneceram armas e apoio. Não é possível denunciar a corrupção e pagar os bancos estrangeiros onde os corruptos depositaram as fortunas que roubaram. Não é possível aumentar o nível de emprego e melhorar o nível de vida, pagando os juros escorchantes reclamados pelo imperialismo. Entre pagar e comer, o **MAS** escolhe **não pagar!**

O ensino pago a serviço do fascismo



Maria Valéria Coelho

A escola de Sociologia e Política de S. P. é uma demonstração viva, da verdadeira função e dos objetivos do ensino pago, que além de transformar as escolas em supermercados, neste caso serve de fachada à articulação da direita, da burguesia, para conspirar e combater os trabalhadores.

Há mais de um mês os estudantes mantêm ocupada a diretoria da escola, exigindo a estatização e a destituição da atual diretoria, que quer o fechamento da escola para transformá-la num centro de articulação da extrema direita.

Durante a ocupação, foram encontrados pelos estudantes, vários documentos, que provam a ligação da diretoria com a extrema direita organizada, inclusive a nível internacional. Um dos documentos informa que a escola é a sede da Secretaria Geral da Federação Latino Americana de Entidades Anti-Comunistas. Entre outras coisas, estes documentos comprovam ligações da diretoria com Eden Pastora e a ARDE, que atua na Contra Revolução Nicaraguense. Além disso, os estudantes ainda descobriram que a escola dava bolsas de estudos integrais a reconhecidos militantes da extrema direita, como Fábio Fleming, ou Alexandre Inojosa, militante do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e velho conhecido no movimento estudantil por andar armado fazendo ameaças aos estudantes...

A luta dos estudantes da Sociologia precisa do apoio ativo de todo o movimento estudantil e demais setores da sociedade que devem se somar decididamente a esta luta.

Congressos da UNE e UEEs



Cresce a Oposição.



Na semana que passou, prosseguiram os ataques públicos entre as duas tendências que compõem a diretoria da UNE. Enquanto que os diretores que apoiam o jornal "Voz da Unidade" acusam a diretoria de estar muito "partidária", os apoiadores do jornal "Tribuna da Luta Operária" replicam que o que se passa é que aqueles diretores estão completamente afastados das lutas dos estudantes, apesar disto estas correntes continuam unidas em uma política conciliadora.

A oposição no ABC paulista

Entretanto, aproveitando o espaço que vai deixando a briga entre os stalinistas, o movimento de oposição que se unifica em torno da aliança com a CUT e a organização da Greve Geral vem crescendo.

Na grande maioria das escolas do ABC já está sendo distribuído um documento de teses para os Congressos da UEE-SP e UNE, em oposição às atuais diretorias, assinada, entre outros, pelos DAs da Comunicação do Instituto Metodista de S. Bernardo, da Medicina do ABC, da Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Pires, pelas chapas Novo Rumo (oposição) no DA da Fac. de Filosofia e Letras da Fundação Sto. André, pelo movimento "Frente" (oposição) no DA da Fac. de Direito de S. Bernardo e apoiada ainda, por grupos de estudantes de várias faculdades de S. Caetano.

"Nossas entidades (UNE e UEE-SP) estão mergulhadas no imobilismo, distanciadas dos estudantes, preferem a política de conciliação, das alianças com as reitorias e os governos estadual e federal que sempre viraram as costas para o Ensino" — afirma o documento. "Neste sentido, os estudantes do ABC devem discutir uma nova direção de oposição à atual diretoria da UNE e UEE. Reorganizar o movimento estudantil pelas suas bases, associado às lutas de toda sociedade, rompendo

o isolamento no qual se encontra, apoiando a CUT, propondo a Greve Geral, levantando uma plataforma de combate ao ensino pago..."

A articulação da oposição no ABC, com teses unificadas para todas as escolas, poderá assim levar aos congressos uma grande maioria de delegados combativos.

Uma sólida articulação na UNESP

Na UNESP a oposição também já está articulada e já nesta semana devem estar circulando teses em vários campus. Houve, no último sábado dia 24/09 uma reunião dos estudantes petistas, com representantes de vários campus do interior que decidiram encaminhar teses de oposição às diretorias da UEE e UNE, com base nas resoluções do Congresso da UNESP, que como já noticiamos no "Alicerce" nº 24 se decidiu pelo apoio à CUT e à Greve Geral.

No Rio de Janeiro as Teses da oposição ganham força

No Rio de Janeiro, no último CEE (Conselho Estadual de Entidades da UEE) a proposta de apoio à Greve Geral do dia 25/10 obteve 26 votos, num total de 63. E o apoio à CUT recebeu 12 votos, contra 33 dos Stalinistas e 19 abstenções (as entidades de Centelha se abstiveram). Estes números, demonstram que a oposição tem uma base forte no Rio de Janeiro. Por isso, é necessário tirar teses unificadas para os Congressos da UNE e da UEE-RJ, que será nos dias 14, 15 e 16 de outubro na UERJ. Muitos delegados podem ser eleitos com estas teses, e aqui cabe fazer um chamado especial aos companheiros de Centelha, para que com Alicerce e os estudantes independentes, não vacile na defesa da CUT, para que possamos juntos, com teses unificadas, dar um grande combate à diretoria pelega da UEE-RJ e à diretoria da UNE.

PUC-RS:

A greve continua

Depois de dois anos, os estudantes da PUC do Rio Grande do Sul retomam sua luta, como em várias outras escolas do país, reivindicando nenhum aumento nas anuidades, anistia aos devedores e democratização da universidade.

Após ter sido decretado o boicote à primeira parcela das mensalidades, o movimento deu um salto quando invadiu a reitoria, e acabou pondo em cheque o autoritarismo dentro da universidade. Os estudantes, diante da intransigência da reitoria em negociar e das ameaças de expulsão de estudantes, decretaram greve por tempo indeterminado no último dia 15 numa assembléia com mais de 4.000 alunos. As ameaças da diretoria, o chamado à polícia para vigiar o campus e os cacetetes com que foram armados os guardas da universidade, pintam o mais completo quadro do autoritarismo na Universidade, perante o qual os estudantes dão o seu brado de guerra: "O ensino está um horror, Eleição para Reitor", "Abaixo a repressão do reitor e do João".

Mas é também, perante este quadro de horror em que se encontra a universidade que o Stalinismo continua vacilante e traidor, como é o caso da diretoria da UNE, que nada faz para unificar o movimento com o de outras escolas, ou então do próprio DCE da PUC, que estava contra a greve por tempo indeterminado.

Esta luta da PUC, faz parte de uma luta mais geral que é a luta contra o ensino pago e a política do MEC de total privatização do ensino, fruto da submissão do país ao FMI.

Por isso, é necessário, como foi aprovado na Assembléia da PUC, que a UNE unifique todas as lutas das escolas pagas. E mais que isso, é preciso antecipar o Congresso da UNE para que os estudantes engajem-se na preparação, junto com os trabalhadores, da Greve Geral, o que abrirá condições para os estudantes conquistarem o fim do ensino pago.

Um núcleo em cada escola! Você está convidado.

Queremos nos dirigir especialmente aos estudantes do Estado de São Paulo, muitos dos quais estão entrando em contato pela primeira vez com "Alicerce da Juventude Socialista", como talvez seja o seu caso.

O Congresso da UPES, que será realizado nos dias 8 e 9 de outubro, vai reunir o melhor da vanguarda secundarista em todo o Estado. Se se confirmar o que aconteceu na UMES-SP, haverá centenas de delegados das escolas nesse Congresso, começando a participar das lutas. Basta dizer que "Alicerce" eleger, para o Congresso da UMES, quase mil delegados, que só agora começam a participar do movimento secundarista.

Na mesma data, vai se reunir o Congresso da UEE-SP. O mesmo processo de surgimento de novos ativistas está se dando também no movimento universitário, com a conformação de um pólo a favor da CUT e que luta pela preparação da greve geral.

Nós queremos que você conheça o "Alicerce" muito melhor do que no rápido contato para a eleição de delegados. E a melhor forma para isso é ler e discutir o nosso jornal, que traz as nossas posições políticas. Por isso fazemos o convite para que você participe de um núcleo de leitores e vendedores do nosso jornal, para discutir junto com um companheiro de "Alicerce" e outros ativistas — por exemplo, outros companheiros de sua escola.

Estamos formando esses núcleos às centenas, para que cada vez mais ativistas conheçam as idéias do socialismo e se unam à nossa luta. Participe de uma dessas reuniões, ou forme um núcleo na sua escola.

Um núcleo em cada escola que eleja delegados à UPES!

Um jornal para cada delegado!

Atenção! neste número não sai a tabela dos núcleos pela necessidade de cobrir os congressos secundaristas. No próximo ela voltará normalmente.

I Encontro dos Secundaristas de S. Bernardo

O I Encontro dos estudantes secundaristas teve a presença de 46 pessoas e de 17 escolas.

Foi um Encontro vitorioso, que além de eleger uma pró-UMES e marcar o Congresso de Fundação da UMES-S. Bernardo para 23/10, aprovou o apoio à CUT e à Greve Geral.

No que diz respeito às reivindicações específicas dos estudantes foi aprovada uma campanha pelo desatrelamento dos centros civicos, contra o uso obrigatório do avental e pela entrada da UMES e UPES nas escolas, e o apoio à plataforma de reivindicações da UPES.

Esse encontro ainda aprovou moções de apoio aos trabalhadores da Nicarágua, Chile e Polônia.

Sto. André, Rib. Pires e Mauá: I Encontro dos Secundaristas

Foi realizado no último dia 25 o I Encontro dos Estudantes Secundaristas de Santo André, Ribeirão Pires e Mauá. Este encontro foi bastante representativo, contando com a presença de 26 escolas e 72 estudantes.

Além do apoio à CUT e à Greve Geral e de reivindicar o programa da CUT, ou seja, o fim do regime militar, o não pagamento da dívida externa, eleição direta para presidente, foi aprovado também a solidariedade dos estudantes aos companheiros de Belém indicados na LSN, e o total repúdio a essa lei repressiva.

Por fim foi eleita uma comissão pró-UMES e marcada data para o Congresso da Fundação da UMES de S. André, Ribeirão Pires e Mauá, que será em 23 de outubro.

Vitória: UMES-SP ao lado dos trabalhadores



O IV Congresso da UMES-SP foi o maior e mais vitorioso que a entidade já realizou.

Ao se posicionar pelo apoio à CUT, recém fundada, e à Greve Geral marcada para o dia 25/10, este Congresso representou uma grande vitória do movimento Secundarista. Ao se colocar pela aliança com os trabalhadores, o IV Congresso colocou o movimento Secundarista no caminho da luta pela derrubada da ditadura (capachô do Fundo Monetário Internacional) e pelo fim da miséria e do desemprego que hoje atingem o povo trabalhador do nosso país.

As principais resoluções aprovadas no Congresso foram: Pelo fim da ditadura militar/Eleições diretas para presidente da República já/ Fim dos acordos com o FMI/ Não pagamento da dívida externa/ **Tudo apoio à CUT — Central Única dos Trabalhadores/ Apoio e participação na Greve Geral marcada para o dia 25/10/ Pelo Ensino Público e Gratuito para todos/ Congelamento das mensalidades nas escolas pagas/ contra os aumentos, boicote organizado/ Fim da repressão, liberdade nas escolas/ Pelo desatrelamento dos Centros Cívicos/ Pela eleição direta dos diretores de escola para alunos, professores e funcionários.**

O maior Congresso Secundarista Municipal do País

Este foi não só o Congresso mais representativo da UMES-SP, como o maior Congresso Secundarista

municipal do país. Estiveram presentes neste congresso, **604 delegados, representando um total de 129 escolas.**

Entretanto, as assembléias nas escolas e o n.º de escolas inscritas, que chegou a 243, são dados que demonstram que o IV Congresso poderia ter sido ainda mais representativo. Acontece que a campanha repressiva desencadeada pelo jornal "Folha da Tarde", (conhecido como o jornal que representa mais fielmente as posições da ditadura militar, especialmente do seu aparato repressivo, DEOPS, DOI-CODI, ou seja, defensor árduo do fascismo) e o fechamento das portas das escolas pelo Secretário da Educação na véspera do Congresso foram fatos que amedrontaram alguns ativistas e jogaram uma parcela dos pais de alunos contra o Congresso. Ainda assim, o número de delegados foi muito expressivo e uma vitória do movimento secundarista.

"Durante a preparação do IV Congresso da UMES conseguimos, como fruto de nossa pressão e de nossa luta, conquistar a autorização do Secretário de Educação para a abertura das escolas para a organização do Congresso. Mas o governo que não dá nada de graça e sem luta, voltou atrás", — desabafa Baptistella, presidente da UMES. "Está sendo distribuída uma nota pela diretoria da UMES, que, convoca os estudantes para uma manifestação na sexta-feira dia 30/09 em frente à Secretaria da

Educação para exigir do Secretário a abertura das escolas para a UMES, UPES e UBES.

O repúdio ao Secretário e esta manifestação foram deliberações do Congresso e os estudantes vão aproveitar para exigir que o Secretário atenda o conjunto das reivindicações.

Uma outra grande vitória foi a manutenção da proporcionalidade na diretoria da UMES e a convocação de eleições diretas para 9, 10 e 11/ novembro. Neste momento, a realização de eleições diretas ajuda a levar a UMES para o interior das escolas e torná-la mais conhecida, aumentando assim a sua representatividade.

O Stalinismo foi derrotado pelo pólo combativo

As correntes Stalinistas presentes no Congresso, (Viração, os apoiadores dos jornais Voz da Unidade e Hora do Povo) atuaram unidas durante todo o tempo, tentando torpedear o Congresso.

Porém, nas principais resoluções o Stalinismo foi derrotado. O apoio à CUT, a Independência da UMES com relação à Secretaria de Educação, foram vitórias importantíssimas dos estudantes, que só foram possíveis por que se conformou, na prática, um pólo combativo no interior do Congresso.

A "oposição", chamada por Luta Secundarista e Alternativa, durante todo o Congresso não conseguiu se opor às propostas de Alicerce, porque estas eram as mais corretas e combativas e se contrapor a elas significaria apoiar a conciliação stalinista. **Desta forma, a "oposição" votou e defendeu as mesmas propostas de Alicerce.** A única posição equivocada e atrasada que o IV Congresso aprovou foi fruto da divisão desse bloco por parte de Luta Secundarista. Isso ocorreu quando se decidia a posição dos estudantes diante da manifestação do dia 30/09, convocada contra o 2045 pelos pelegos, que dividiram a CUT, com o intuito de dividir a Greve Geral do dia 25 Venceu a posição de participação no dia 30, pura e simplesmente. A posição de Alicerce e também de uma parcela da oposição (Alternativa) era de participar com tudo do dia 30, **aproveitando esta manifestação para convocar todo mundo a participar da Greve Geral.** Entretanto, a posição da Luta Secundarista foi de que participasse só a diretoria da UMES. Ou seja, com a divisão, foi vitoriosa a posição Stalinista. Esta pequena vitória da conciliação, que não compromete a grande vitória que foi o IV Congresso, foi uma demonstração de que mais do que nunca é necessário a unidade daqueles que defendem a aliança dos estudantes com os trabalhadores

UBES — PELA ANTECIPAÇÃO DO CONEG! Resolução do IV Congresso da UMES-SP

O IV Congresso da UMES de São Paulo frente a situação da UBES e do movimento secundarista a nível nacional considera:

1 — Que a atual diretoria da UBES vem paralisando o funcionamento da entidade, recusando-se a instalar os dois últimos CONEGs e marcando o próximo para 15 de novembro no Rio de Janeiro.

2 — Esse boicote ao funcionamento democrático da UBES se dá porque a atual diretoria pelega da UBES é contra a CUT e a Greve Geral marcada para 25 de outubro, pretendendo sabotá-la, recusando-se a marcar um CONEG antes da greve...

3 — Para melhor poder cumprir seu papel de fura-greve, a diretoria da UBES a quase um ano não faz uma reunião do CONEG. Em face a

essa situação, o IV Congresso da UMES-SP, com 604 delegados de 129 escolas resolve:

1 — Dirigir um chamado a todas entidades secundaristas do Brasil para que façamos um abaixo-assinado exigindo a antecipação do CONEG para antes de 25/10, para que possamos nos posicionar sobre a Greve Geral.

2 — Chamar todas entidades secundaristas do Brasil a defender o apoio a Greve Geral do dia 25 de outubro, chamando os estudantes a também entrarem em greve e fazerem manifestações neste dia.

3 — Chamar a todas entidades secundaristas do Brasil a apoiar a CUT — Central Única dos Trabalhadores — fundada em São Bernardo, e que é a maior conquista que tem os trabalhadores brasileiros nas últimas décadas...



No Congresso da UPES, repetir a dose

No Congresso da UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas), que vai ser realizado nos dias 8 e 09/10 será reproduzido, em maior escala, o enfrentamento entre dois blocos no movimento Secundarista. De um lado estarão os que defendem a aliança com os trabalhadores e o apoio à CUT e à Greve Geral e do outro, novamente, como no Congresso da UMES-SP, estarão os conciliadores Stalinistas tentando boicotar o apoio e engajamento dos Secundaristas na Greve Geral e pregando a conciliação com os partidos burgueses de oposição (PMDB, PDT, etc), com os seus respectivos governos e até com a própria ditadura. E de novo, estará colocada a necessidade de conformar um pólo combativo neste congresso, que a exemplo do Congresso da UMES-SP, derrote o Stalinismo e

represente uma vitória para o movimento secundarista. E por isso, o chamado à unidade de todas as correntes e estudantes independentes, que estão pela Greve Geral e pela CUT continua mais atual do que nunca.

Por uma Convenção democrática, que forme uma chapa unitária e combativa.

Além de conformar este pólo combativo no interior do Congresso, Alicerce está chamando uma convenção democrática no dia e local do Congresso, que discuta a formação de uma chapa unitária e combativa, que esteja pela defesa da CUT e da Greve Geral. Para esta convenção estão convidados todos estudantes que defendam estas bandeiras, e especialmente as correntes Alternativa e Luta Secundarista.